

A construção do estigma para mulheres com Síndrome de Mayer-Rokitansky-Küster-Hauser na mídia – perspectiva de corpo

Monsorens, Natan

Programa de Pós-graduação de Bioética; Universidade de Brasília

Rabelo, Daniela Amado

Programa de Pós-graduação de Bioética; Universidade de Brasília, daniela.a.rabelo@gmail.com.br

PALAVRAS-CHAVE: Síndrome de Mayer-Rokitansky-Küster-Hauser; estigma; corpo; mídia; bioética.

O estudo buscou identificar e compreender a construção do estigma social relacionado à Síndrome de Mayer-Rokitansky-Küster-Hauser, uma condição que afeta exclusivamente mulheres. Utilizou-se análise de conteúdo de Bardin em 43 narrativas jornalísticas eletronicamente veiculadas, elementos da escola francesa de conteúdo e discurso e análise fenomenológica e técnica das 33 imagens paradas (31 fotografias, uma figura e uma ilustração). O desenho metodológico permitiu a identificação de três temas: (a) o tratamento anedótico da SMRKH; (b) a fragmentação anatomopatológica: mulher-útero ou mulher-vagina; e, (c) a retórica do sofrimento da mulher redimido pela medicina. Cerca de 80% do corpus estava centrado em questões biomédicas, com flerte em tecnologias experimentais e uma perspectiva paternalista de medicina. O aspecto anedótico das matérias apresenta estas mulheres como curiosidades. O termo “aberração” emerge nas falas das entrevistadas, revelando que, nas entrelinhas, o tratamento politicamente correto durante a escolha das palavras a serem usadas na construção das narrativas não consegue subsumir o reforço à estigmatização. A adoção deste tipo de linha editorial reforça a super-simplificação, a má representação e a subestimação dos custos pessoais e sociais da SMRKH. Há a centralidade do pensamento biomédico em todas as esferas da vida, com redução ou colonização técnica de aspectos do viver humano. Há certo privilégio do aspecto técnico ou médico no corpus. Ainda, o saber que possibilita que uma mulher com SMRKH faça uma cirurgia, também cria o espaço para o estigma, na medida que permite que um status corporal (a doença, ausência de um órgão, a deficiência) sobredetermine o sujeito. As análises imagéticas além de reforçar o tratamento anedótico da SMRKH, fragmentação anatomopatológica e a retórica do sofrimento redimido pela medicina, promovem algumas distorções ou procuram manter padrões instituídos socialmente. A mídia posiciona aqui uma heteronormatividade construída como parâmetro para as relações instituídas por Jack: ela é a mulher que busca por *Mr. Right*, inviabilizando outros potenciais relacionais. A

imagem mais veiculada (produção de vaginas em laboratório está relacionada à biotecnologia, avanços da Medicina; uma figura que só pode ser entendida em sua tematização verbal (reconstrução de vaginas). remete à duas questões específicas, já antecipadas: a do privilégio ao discurso biotecnocientífico e, diante de um corpo “quebrado”, a valorização do corpo corrigido dessa mulher ou a tentativa de estabelecer essa “correção”. Com o “fantasma do corpo” ocupando “lugar anônimo”, e assumindo a sua postura de “paciente” a espera do fim da fabricação da vagina e do início dos cuidados médicos. É a vagina *in vitro*, o ultrassom, o técnico paramentado com equipamentos de proteção individual, um ícone do cientista, em manipulação de material biológico em capela ou a pipeta com líquido dourado, a preciosa salvação que advém da técnica. Concluiu-se, numa aproximação bioética centrada na dignidade humana, que existe a necessidade de rever a forma como os media apresentam as mulheres afetadas (mulher-útero), evitando-se modelos de perfeição ou de normalidade que subsumam a mulher ao habitus mulher-esposa-mãe. As mulheres com SMRKH não são corpos ociosos e sem úteros, mas podem vivenciar a diferença e serem plenas.

AGRADECIMENTOS. Cátedra Unesco de Bioética e Observatório de Doenças Raras pela oportunidade de pesquisa.

REFERÊNCIAS

- [1] GOFFMAN, E. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Antropologia Social. 1988. 158 p.
- [2] BARDIN, L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70; 2009. 225 p.
- [3] GARRAFA, V; Kottow, M; Saada, A. Bases conceituais da Bioética: enfoque latino-americano. São Paulo: Gaia; 2006. 744 p.
- [4] CSORDAS, T. Corpo/Significado/Cura. Porto Alegre: Editora da UFRGS; 2008. 463 p. [5] Le Breton D. Antropologia do corpo e modernidade. 3rd ed. Petrópolis, RJ: Vozes; 2013. 407 p.